

5. Narrativas na escrita como lócus de construção de identidades sociais e discursivas dos alunos

No capítulo anterior, vimos que os alunos ao produzirem seus textos, buscaram estratégias de reformulação textual, de forma a estabelecerem as relações intertextuais com o texto lido através do uso da paráfrase.

Neste capítulo, analisaremos os discursos construídos nas histórias dos alunos, tendo em vista observar a capacidade do aluno em criar interdiscursos, construindo e reconstruindo suas identidades na produção do texto e ao mesmo tempo estabelecendo relações intertextuais com o texto-fonte.

A experiência da produção textual desenvolvida em sala de aula não só pretende observar se os alunos têm domínio da escrita ou a habilidade em estabelecer intertextualidade com textos motivadores de forma criativa, mas também analisar as identidades que eles (re)constroem na elaboração do texto, trazendo o contexto social em que estão envolvidos dentro e fora da escola para o contexto discursivo.

As histórias que foram escritas trazem temáticas variadas tais como: doenças, violência, sofrimento, lutas, superações, conquistas. A maioria desses temas está relacionada aos contextos familiar, religioso, escolar, acionando lugares e ambientes onde vivem ou viveram (cidade, bairro, rua), que trazem as redes de relações sociais.

Os textos produzidos, por sua vez, revelam as construções dos contextos socioculturais em que estão inseridos, assim como suas construções de identidades; o que nos permite fazer leituras desses contextos socioculturais nos quais vivem os alunos-autores.

5.1. As histórias dos alunos no contexto escolar

A família é o primeiro grupo social do qual fazemos parte, e, por ela ser um dos primeiros mundos de experiências e orientação dos sujeitos, torna-se significativo analisar como esse contexto social emerge e é construído nas produções textuais dos alunos.

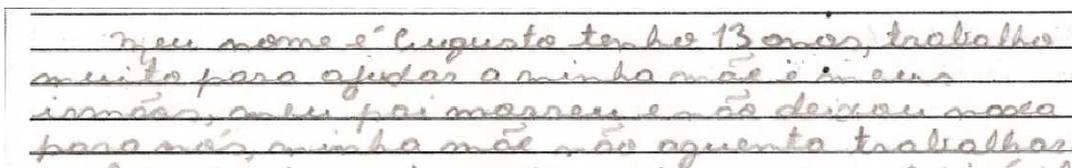
A seguir, veremos contextos sociais que emergem nos textos dos alunos revelando como eles se constroem, ao trazerem as experiências de vida, a partir dos contextos sociais que vivenciam.

Veremos também que as narrativas que compõem o *corpus* desta pesquisa mostram uma infância difícil, permeada por situações de trabalho, violência, ausência de afetividade, alcoolismo.

Os seis excertos, a seguir, evidenciam situações de trabalho na infância, seja na condição de ajudar no sustento da família, seja na condição de cuidar dos irmãos mais novos. Estabelece-se, contudo, uma intertextualidade com o texto motivador utilizado na tarefa em que a avaliação de José a respeito de sua infância é negativa.

5.1.1. Família e trabalho

Excerto 15c – Claudia, 17 anos.



Meu nome é Augusto tenho 13 anos, trabalho muito para ajudar a minha mãe e meus irmãos, meu pai morreu e não deixou nada para nós, minha mãe não aguenta trabalhar.

Meu nome é Augusto tenho 13 anos, trabalho muito para ajudar a minha mãe e meus irmãos, meu pai morreu e não deixou nada para nós, minha mãe não aguenta trabalhar.

Excerto 16b – Pablo, 15 anos.

A superação
 Em uma cidade morrava uma
 adolescente que tinha 15 anos, e com
 o sexo masculino, tinha 7 irmãos
 5 com o sexo masculino e 2 com o
 sexo feminino, na época eles
 estava com uma necessidade financeira,
 e o mais velho dos irmãos foi
 trabalhar para com seguir colocar
 comida em casa, o mais velho
 dos irmãos tinha 15 anos, ele
 trabalhava cuidando dos animais
 em um tipo de sítio e ganhava
 muito pouco mal dava para comprar
 comida para a sua família.

Em uma cidade morrava uma adolescente que tinha 15 anos, e com o sexo masculino, tinha 7 irmãos 5 com o sexo masculino, 2 com sexo feminino, na época eles estava com uma necessidade financeira, e o mais velho dos irmãos foi trabalhar para com seguir colocar comida em casa, o mais velho dos irmãos tinha 15 anos, ele trabalhava cuidando dos animais em um tipo de sítio, ganhava muito pouco mal dava para comprar comida para sua família, as casas que existiam não tinha luz era iluminada por um lampinhão porque a onde ele morra e muito longe da cidade.

Excerto 17a – Luciana, 15 anos.

Meu nome é Marta, sou uma garota
 de 12 anos, que parei de estudar
 quando estive na 6ª série para
 trabalhar e cuidar dos meus
 irmãos. Meu pai é vaqueiro, minha
 mãe está desempregada no momento.

(...)

magenta. Todo dia preciso um
 quintal pra capinar pra fazer
 dinheiro pra casa, por que meu
 pai pega o dinheiro dele e gasta
 tudo em cachaca.

Meu nome é Marta, sou uma jovem de 12 anos, que parei de estudar quando estava na 6ª série para trabalhar e cuidar dos meus irmãos; Meu pai é um açogueiro, minha mãe está desempregada no momento.

Meu pai bebe muito, e bate muito na gente. Todo dia procura um quintal pra capinar pra trazer dinheiro pra casa, por que meu pai, pega o dinheiro dele e gasta tudo em cachaça.

Excerto 18a – Simone, 15 anos.

Meu nome é Luíza tenho 18 anos moro no interior de São Paulo trabalho de secretária eu acordo de manhã bem sendo tomo o meu café e vou trabalhar chego bem tarde e vou dormir, a minha vida não foi muito fácil minha mãe ia trabalhar eu ficava com os meus irmãos meu pai ia para o trabalho na segunda feira e só chegava na sexta bebado

Meu nome é Luíza tenho 18 anos moro no interior de São Paulo trabalho de secretária eu acordo de manhã bem sendo tomo o meu café e vou trabalhar chego bem tarde e vou dormir, a minha vida não foi muito fácil minha mãe ia trabalhar eu ficava com os meus irmãos meu pai ia para o trabalho na segunda feira e só chegava na sexta bebado

Excerto 19b – Mariana, 15 anos.

Meu nome é Lucas, tenho 15 anos, moro na cidade de Deus com meus pais e irmãos, estou no 1º ano do segundo grau todos os dias acordo bem cedinho para catar papelão, não gosto muito pois na escola todos ficam me zurrando (...)

quando chego do trabalho arrumo meus irmãos e me arrumo, e nos 7 vamos para a escola. Quando

Todos os dias acordo bem cedinho para catar papelão, não gosto muito pois na escola todos ficam me zurrando, eu não tenho amigos de verdade pois quem vai querer ser amigo de um catador de papelão? bom! meu irmão está preso a 2 anos e meus pais sofrem com isso, quando chego do trabalho arrumo meus irmãos e me arrumo, e nos 7 vamos para a escola.

Excerto 20 – Janaína, 34 anos

O menino De Rua
 Era uma vez um menino de rua
 que se chamava Wallace, Ele tinha 12
 anos e morava na rua
 Sua infância não era muito boa
 pois o seu dia a dia era catando
 papelão.
 E ele sempre tinha a esperança de
 encontra sua mãe e ter um teto para
 morar, Pois passava frio e fome.

*O menino De Rua
 Era uma vez um menino de rua se chamava Wallace, Ele
 tinha 12 anos e morava na rua
 Sua infância não era muito boa pois o seu dia a dia era catando
 papelão.
 E ele sempre tinha a esperança de encontrar sua mãe e ter um
 teto para morar, Pois passava frio e fome.*

No excerto 15b, Claudia, de 15 anos, constrói um personagem chamado Augusto, de 13 anos. Como filho mais velho, ele assume as responsabilidades do “pai” que faleceu e “não deixou nada”. Por isso, “trabalha muito” para ajudar a mãe que “não aguenta trabalhar”.

No excerto 16b, o personagem criado pelo autor Pablo, de 15 anos, vive experiências que se assemelham muito às do Augusto (excerto 15b), no que diz respeito às responsabilidades que passaram a ter com a família. O autor não diz o nome do personagem, mas os dados que ele nos fornece são de que é um rapaz de 15 anos, que tem sete irmãos, acorda cedo para trabalhar em um sítio para prover o sustento da família com o dinheiro que recebe pelo serviço. Entretanto, nesse âmbito de família e do trabalho, não aparecem as figuras paterna e materna do

sujeito, dando a entender que o filho mais velho assume a responsabilidade que deveria ser dos pais, caso os tenha ou tivesse.

No excerto 17a, Marta, de 12 anos, personagem da autora Luciana de 15 anos, abandona os estudos para cuidar de seus irmãos. Embora o pai trabalhe, Marta precisa procurar serviços (capina) para ajudar no sustento da família, já que tem um pai ausente e que investe o salário em bebidas alcoólicas.

Luiza, de 18 anos, personagem da aluna-autora Simone, de 15 anos, aparece no excerto 18a *quase* que na mesma situação de Marta: ter que cuidar dos irmãos para a mãe poder trabalhar. Fica claro que tanto o pai de Luíza como o de Marta não cumpriam com suas responsabilidades na família por causa do vício em álcool.

No caso de Lucas, de 15 anos, personagem da autora Mariana, excerto 19b, trata-se de um menino que estuda e vive com a família que são os pais e os irmãos. O menino assume na adolescência uma dupla responsabilidade: estudar e trabalhar catando papelão. A última atividade não agrada o menino, pois ele se sente estigmatizado pelos colegas da escola por exercer tal função.

No excerto 20, temos o Wallace, um menino de 12 anos, que vive na rua catando papelão como o Lucas. A diferença está nos contextos sociais em que ambos estão inseridos. Lucas, ainda que tenha uma vida humilde, está inserido em contextos sociais que o reafirmam como cidadão. Ao contrário de Wallace, que, por ser um menino de rua, está à margem da sociedade com a esperança de encontrar a sua mãe e com isso conseguir dignidade (o amor da mãe, uma casa, uma escola).

Os textos produzidos pelos alunos apresentam várias semelhanças, dentre as quais todos eles dão importância necessária ao convívio familiar. Suas construções identitárias se revelam sempre no contexto da família. A visão que eles têm desse contexto social é de sofrimento, ao retratarem situações de trabalho na infância, as responsabilidades adquiridas e a ausência da figura paterna.

Nos discursos acionados sobre o trabalho, perpassa um interdiscurso baseado em uma formação ideológica que nos leva a refletir sobre os problemas econômicos e sociais que se abatem sobre as famílias dos autores das narrativas e servem para justificar o ingresso prematuro no mercado de trabalho.

Os discursos construídos a partir da leitura que os autores fazem da realidade em que vivem são de famílias desestruturadas, que dependem do auxílio

dos filhos para se sustentarem. Há uma formação ideológica, de nível macro, de que crianças deveriam dedicar-se apenas a escola. No entanto, o que se depreende dos textos é que crianças e adolescentes não vivem o seu tempo de infância porque precisam arcar com as responsabilidades de adultos e, com isso, apresentam um “amadurecimento” precoce. Além disso, muitos não suportam a dupla jornada e acabam abandonando a escola para se dedicarem ao trabalho, como é o caso de Marta, personagem de Luciana: *“parei de estudar na 6ª série para trabalhar e cuidar dos meus irmãos”*.

Em contraponto à questão de crianças e adolescentes deixarem de estudar para trabalhar, existe, no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, a proibição, por via legal, do trabalho infantil. À criança até 14 anos, de acordo com o Estatuto, é assegurada uma bolsa de aprendizagem (Art. 64). Já para os jovens entre 14 e 16 anos, o trabalho juvenil está regulamentado nos artigos 60 a 67, nos quais o trabalho é admitido a caráter de aprendiz técnico-profissional, levando-se em conta o acompanhamento da frequência escolar, em horário especial, dando ao adolescentes os direitos trabalhistas e previdenciários aos quais têm direito. Acrescenta-se, ainda, por meio do art. 68, que:

“O programa social, que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada. §1º-Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas (...) prevalecem sobre o aspecto produtivo”.

Esse seria o discurso hegemônico da formação ideológica da sociedade, mas que não corresponde às situações vivenciadas por adolescentes das classes menos favorecidas que necessitam do trabalho para sobreviver e para ajudar a família.

Outro ponto bastante significativo nos textos dos alunos refere-se ao pai que se envolve com bebidas alcoólicas, deixando de dar assistência à família.

Excerto 21b – Lia, 17 anos (Bianca, 13 anos).

Bianca tem 13 anos, é uma estudante brasileira mora na Baixada Fluminense, ela se dedica bastante em aprender coisas novas.

Além de ter grande irmão, ela vive o tempo todo angustiada por dois irmãos menores, que a leva a tomar atitudes desesperadoras. Na infância ela morava em um quintalinho bem pequeno que viviam 5 irmãos, ela e os seus pais, a mãe era tranquila e o pai era um cachaceiro que é diferente que o pai dela ganhava, ganhava com bebidas alcoólicas.

Excerto 22c – Mariana, 15 anos (Lucas, 13 anos).

bom! meu irmão está preso

a 2 anos e meus pais vão bem com isso, quando chego do trabalho arrumo meus irmão e me arrumo, e nos 7 vamos para a escola. Quando chego em casa todos os dias é a mesma coisa, minha mãe sempre resmungando por causa da falta de comida, meu pai chega tarde e sempre bêbado batendo na minha mãe na frente das crianças.

bom! meu irmão está preso a 2 anos e meus pais sofrem com isso, quando chego do trabalho arrumo meus irmão e me arrumo, e nos 7 vamos para a escola. Quando chego em casa todos os dias é a mesma coisa, minha mãe sempre resmungando por causa da falta de comida, meu pai chega tarde e sempre bêbado batendo na minha mãe na frente das crianças.

A narrativa de Lia traz também marcas subjetivas que revelam os sentimentos de angústia e desespero por ter uma família numerosa vivendo em um cômodo. Bianca, assim como Marta (excerto 17a) e Luíza (excerto 18a), relata problemas com o pai pelo mesmo motivo: alcoolismo. Bianca utiliza o termo pejorativo “cachaceiro” para construir a identidade do pai. Lucas (excerto 22c) também revela situação parecida como as dos excertos anteriores e utiliza o termo “bêbado” para categorizar a condição de seu pai, além disso, ainda existe o sofrimento da família em relação à prisão do irmão, cujos motivos não foram revelados.

Esses mesmos textos mostram a violência no âmbito familiar decorrentes do alcoolismo, conforme é sinalizado no texto de Mariana (Lucas) “(...) meu pai chega tarde e sempre bêbado batendo na minha mãe na frente das crianças”. A

preocupação que o aluno-autor demonstra ter ao abordar o assunto da violência em família não está direcionada apenas à agressão sofrida pela mãe, mas também em relação às crianças que testemunham a atitude negativa do pai. Esse tipo de construção acontece também nos textos de Simone (Luíza) e Lia (Bianca).

Excerto 23b– Simone (Luíza).

facil minha mãe ia trabalhar eu ficava com os meus irmãos meu pai ia para o trabalho na segunda feira e só chegava na sexta bebado aí ele queria bater na minha mãe meus irmãos ficava olhando aquilo meu pai batia até em mim que não tinha nada a ver hoje eu moro com a minha mãe meu pai morreu depois que o meu pai foi pra um lugar melhor eu comecei a mamar com um rapaz sem lenço de

minha mãe ia trabalhar eu ficava com os meus irmãos meu pai ia para o trabalho na segunda feira e só chegava na sexta bebado aí ele queria bater na minha mãe meus irmãos ficava olhando aquilo meu pai batia até em mim que não tinha nada a ver hoje eu moro com a minha mãe meu pai morreu depois que o meu pai foi pra um lugar melhor

Excerto 24c – Lia (Bianca).

meus pais, a mãe era tranquila e o pai era um cachorro que se divertia que o pai dela gostava, gostava com bebidas alcoólicas. Ele um dia chegou a dar uma surra na menina por que ela chegou muito tarde em casa, e a menina ficou toda assustada, aí a mãe denunciou o pai, e o pai foi preso. A personalidade dele foi de 7 anos por maltrato, depois ele teve que morar na rua, pois a mãe e os filhos não aceitavam ele novamente em sua casa.

a mãe era tranquila e o pai era um cachaceiro que o dinheiro que o pai dela ganhava, gastava com bebidas alcoólicas.

Ele um dia chegou a dá uma surra na menina porque ela chegou muito tarde em Casa, A menina ficou toda machucada, aí a mãe denunciou o pai. e o pai foi preso.

A penalidade dele foi de 7 anos por maltratos depois ele teve que morar na rua, pois a mãe e os filhos não aceitavam ele novamente em sua casa.

Mariana, Simone e Lia trazem a convivência dos filhos com a mãe em relação aos atos violentos do pai. Na estória de Lia, o pai é denunciado pela mãe por ter agredido Bianca, é condenado pela justiça e, por fim, é condenado pela ex-mulher e pelos filhos a morar na rua.

A mãe, em geral, aparece nas narrativas como tranquila (“mãe tranquila” excertos 21b), submissa (“minha mãe está desempregada no momento” 17a), insegura (“resmungando” 22c), vítima (“meu pai morreu e não deixou nada para nós minha mãe não aguenta trabalhar” 15b), trabalhadora (“minha mãe ia trabalhar” 18a) e como refúgio (“E ele tinha a esperança de encontrar a mãe para ter um teto, pois passava frio e fome” 20). Todas essas referências mostram que a mãe é mais presente que o pai.

Entretanto, há narrativas em que a figura materna foge a estas características.

Excerto 25c – Luciana (Marta).

Um belo dia quando completei 15 anos comecei a trabalhar na casa de uma senhora, daí minha vida começou a melhorar, cheguei, amadureci, completei 18 anos e minha mãe começou me deixar sair; conheci um cara que se chama Keomar, se conhecemos melhor e começamos a namorar, com 19 anos me perdi com ele, e com 21 engravidei, minha mãe me expulsou de casa.

Um belo dia quando completei 15 anos comecei a trabalhar na casa de uma senhora; daí minha vida começou a melhorar, cresci, amadureci, completei 18 anos e minha mãe começou me deixar sair; conheci um cara que se chama Leomar, se conhecemos melhor e começamos a namorar, com 19 anos me perdi com ele, e com 21 engravidei, minha mãe me expulsou de casa,

Analisando esse trecho de acordo com os elementos que compõem a narrativa laboviana, percebemos que a autora introduz a narrativa “Um belo dia” (prefácio); “quando completei 15 anos comecei a trabalhar na casa uma senhora” (orientação) daí minha vida começou a melhorar (Avaliação); cresci... (sequência de ações narrativas); minha mãe começou a me deixar sair (resultado). Conheci um cara que se chama Leomar (orientação); se conhecemos melhor e começamos a namorar (orações narrativas); com 19 anos me perdi com ele e com 21 anos engravidei (orações narrativas) ; minha mãe me expulsou de casa (resultado).

Pelo início da estória, percebe-se que Marta, desde os doze anos, sempre trabalhou, mas inferimos que aos quinze ela tenha conseguido uma estabilidade financeira. Contudo, somente aos dezoito anos conseguiu emancipação. A gravidez, aos vinte e um, gerou conflitos com a mãe. Embora não esteja explícito, acreditamos que a decisão de expulsar a filha de casa foi motivada pela ideologia conservadora de que a mulher deve casar-se virgem e a gravidez deve ser concebida dentro do casamento. Essa formação ideológica é proveniente de uma formação discursiva religiosa. A mãe, nesse caso, representa a postura conservadora que a sociedade assume diante de uma situação como essa, pressupondo que o sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso.

Excerto 26d – Luciana (Marta).

de casa, quando minha filha nasceu de parto que a minha mãe era doente, então minha mãe me acitou de volta, com 25 tive outra menina com o mesmo nome, com um tempo fui feliz, mas depois veio os divórcios, brigas além do normal, e aí começaram a me agriar, então nos separamos, pra nunca mais voltarmos.

quando minha filha nasceu ele falava que a menina não era dele, então minha mãe me aceitou de volta, com 25 tive outra menina com o mesmo homem, com um tempo fui feliz mais depois veio as brigas, brigas além do normal, ele começou a me agredir, então nos separamos, pra nunca mais voltarmos. Hoje com 36 anos sou casada com um cara de 28 anos, não tem filho, mais sonha em ter, mais não sei se devo, acho que estou muito velha e minhas filhas está novas ainda uma tem 15 e a outra tem 11, acho que elas nunca vão aceitar.

Com o nascimento da criança, a mãe adquire um novo posicionamento: deixa de lado a rejeição em relação à filha, acolhendo-a. Nesse caso, a autora nos fornece, como provável motivo de acolhimento da filha, o fato de o pai da criança não ter reconhecido a paternidade. Nesse sentido, a mudança de posicionamento do sujeito indica uma nova formação discursiva e, desse modo, constroem-se, nesse contexto, novas significações. Orlandi (1988) diz que “por aí se pode ver que a relação com a ideologia (através do jogo entre as formações discursivas) não é homogênea, nem automática, nem estática. Como também não o é o sujeito, nem os sentidos. (p. 110) Sendo assim, temos a configuração de um processo de heterogeneidade discursiva, tendo em vista que, o sujeito (nesse caso, a mãe de Marta) é um ser incompleto e que, na busca de identidade, provoca deslocamentos em seus discursos (rejeitar a filha por causa da gravidez fora do casamento) em contato com outros (acolher a filha e a neta que não teve reconhecimento paterno).

Nesse mesmo excerto, a autora conta que Marta ainda voltou a se relacionar com o pai de sua primeira filha, vivendo com ele por um tempo, período que a personagem diz ter sido feliz, e ter tido outra filha. Marta volta a sofrer agressões físicas, não do pai, mas do companheiro, estabelecendo uma relação de interdiscursividade.

Os discursos construídos nos textos dos alunos mostram as relações de poder que são estabelecidas no cerne do contexto familiar. A subordinação da mulher ao homem é função de um discurso que se orienta pela preservação dos princípios da hegemonia cultural masculina. Os textos analisados evidenciam que a violência determina o poder do homem dentro da família. Em contraponto, a narrativa de Lia (Bianca), mostra que a mãe, ao denunciar o marido por agredir a filha, quebra essa ideologia de que a mulher é submissa e por isso não aceita as agressões por parte do marido.

Outras formas de violência são percebidas no âmbito da família. Até este momento, vimos a violência do homem em relação à mulher e do pai em relação aos filhos, sendo o alcoolismo, em geral, o determinante das atitudes agressivas dos homens. Agora, veremos que, em alguns casos, o agressor é o filho, porém, um ponto permanece similar: a agressividade, nessas histórias, é exclusivamente masculina.

Excerto 27 – Rachel, 17 anos.

Meu nome é andressa eu tenho 14 anos
 eu tenho uma vida de cão eu magro
 com uma vida eu tenho uma família
 não muito vai mais eu consigo levar,
 se não bastasse meu irmão entro pras
 drogas, chegava em casa nervoso querendo
 bater em todos que chegava perto, ele
 batia na minha mãe, teve um dia que minha
 mãe se cansou e pediu pra ele sair de casa

Meu nome é andressa eu tenho 14 anos eu tenho uma vida de cão eu sofro com essa vida eu tenho uma família não muito vai mais eu consigo levar, se não bastasse meu irmão entro pras drogas, chegava em casa nervoso querendo bater em todos que chegava perto, ele batia na minha mãe, teve um dia que minha mãe se cansou e pediu pra ele sair de casa

A autora Rachel apresenta a personagem, Andressa, de 14 anos, e logo sinaliza o foco principal de sua estória: a família. “Eu tenho uma vida de cão eu sofro com essa vida eu tenho uma família muito (ilegível) mais eu consigo levar”. Esse trecho evidencia a insatisfação da personagem com a família. “Vida de cão” pressupõe que a personagem viva em meio a confusões, a relacionamentos difíceis, a situações complicadas que não são relatadas no cerne do seu discurso. Ao dizer “se não bastasse meu irmão entro pras drogas” ela sumariza o que vai ser narrado a seguir. Além disso, entendemos que o fato do irmão se envolver com as drogas significa mais um problema com o qual ela tem que conviver, constituindo,

assim, o episódio que, no seu ponto de vista, vale a pena ser contado (escrito) e por isso é reportável.²²

A leitura que fazemos nos leva a interpretar que a agressão deflagrada a todos que chegavam perto dele, e principalmente à mãe, era motivada pelo uso de drogas. Há, portanto, o interdiscurso de que as drogas levam o sujeito a tomar atitudes extremas, sendo uma delas a agressão ao outro. Tais atitudes geram no agredido uma resposta: “teve um dia que a minha mãe se cansou e pediu para ele sair de casa”. A mãe diante do problema do filho e, sem saber como solucioná-lo, optou por expulsá-lo de casa.

Em outra narrativa, temos casos de violência e rejeição por parte da mãe.

Excerto 28a – Paloma, 16 anos.

Meu nome é Solange. Tenho 47 anos. sou cozinheira.

(...)

Quando nasci minha mãe me rejeitou por ser negra e foi muito doloroso. em meu primeiro casamento ela teve três filhos e nasceram brancos, no segundo teve 11 filhos negros e para ela foi uma grande decepção.

Meu nome é Solange. Tenho 47 anos. sou cozinheira.
Moro em uma casinha simples. Mais aconchegante. Tive uma infância muito triste e difícil.
Quando nasci minha mãe me rejeitou por ser negra e foi muito doloroso, em seu primeiro casamento ela teve três filhos e nasceram brancos, no segundo teve 11 filhos negros e para ela foi uma grande decepção.

A autora Paloma faz a apresentação da personagem Solange, de 47 anos. No enunciado, perpassa o interdiscurso das diferenças sociais. A formação discursiva construída nesse enunciado é a da discriminação racial que, ocorre no contexto macro social, porém, nesse caso, percebemos que acontece também dentro do contexto familiar. A mãe, segundo a autora, trata os filhos brancos

²² Os termos “sumário” ou resumo e “reportável” são elementos utilizados na análise de narrativas orais, introduzidos respectivamente por Labov e Linde, mas que estão sendo adaptados na análise das narrativas escritas desta pesquisa.

melhor que os filhos negros. A personagem utiliza os termos “decepção” e “rejeição” para justificar o sentimento da mãe em relação aos filhos do segundo casamento e para reforçar a carência afetiva que ela sente, estendendo esse sentimento aos demais irmãos: “Os filhos brancos tinham todo o amor e a regalia que ela podia da, já os negros nem sequer um eu te (infere-se “amo”) nós ouvimos até hoje”.

Nesse enunciado, também há dois interdiscursos que permeiam a memória discursiva da personagem: “Apanhávamos de ripa de sofá e tudo mais era quase impossível ter o que comer”, mostrando que a violência e a miséria faziam parte do contexto do ambiente onde vivia e que esses eram fatores que contribuíam para o seu sofrimento. A personagem também relata que em sua casa havia uma ordem dada pelo pai de que “todos os filhos ao fazer 12 anos tinha que ir embora”. A interpretação que o locutor pode ter diante dessa formação discursiva é de que o pai e a mãe queriam se eximir da responsabilidade com os filhos, dando-lhes uma emancipação forçada e muito precoce. Com isso, haveria a diminuição de gastos com alimentação e educação, já que reduziria a quantidade de pessoas em casa.

As histórias escritas pelos alunos trazem a construção da má distribuição de rendas, como um dos geradores da decadência social.

Excerto 29d – Claudia (Augusto)

Acordo de madrugada pois a vida é difícil, as vezes não tem o que comer em casa, vejo meus irmãos me olhar com cara de fome me dá pena deles e quando tem, só tem angu pro almoço, quando chega a noite temos que dormir cedo porque a fome é muita e não tem como comer, a minha mãe fala pra gente dormir porque o sono alimenta. As vezes eu fico sentado olhando pro céu, as lágrimas rolam no meu rosto e eu pergunto pra Deus aonde foi que nós erramos.

Acordo de madrugada pois a vida é difícil, as vezes não tem o que comer em casa, vejo meus irmãos me olhar com cara de fome me dá pena deles e quando tem, só tem angu pro almoço, quando chega a noite temos que dormir cedo porque a fome é muita e não tem como comer, a minha mãe fala pra gente dormir porque o sono alimenta. As vezes eu fico sentado olhando pro céu, as lágrimas rolam no meu rosto e eu pergunto pra Deus aonde foi que nós erramos.

Augusto, desde o início de seu enunciado, demonstra preocupação pelo bem estar da família (mãe e irmãos). A falta de comida é um dos agravantes para a situação de miséria em que vive e que o leva a buscar trabalho. Os interdiscursos presentes nesse excerto são os de que pobre come angu e o de que o sono alimenta, sendo essa uma forma de “enganar” a fome.

Percebemos que, no enunciado seguinte, apresentado por Fernanda, há os mesmos discursos.

Excerto 30c– Fernanda, 28 anos

MEU NOME É EDINÉIA TENHO 56 ANOS.
 MINHA INFÂNCIA FOI MUITO SOFRIDA, TINHA VÁRIOS
 IRMÃOS. NÃO TIVE A SORTE QUE MUITAS PESSOAS
 TIVERAM NÃO TIVE UMA BOA ALIMENTAÇÃO
 MEUS PAIS NÃO PUDERAM DAR BOA ALIMENTAÇÃO
 PARA OS MEUS IRMÃOS, EU QUEM CUIDAVA DELES,
 PARA MEUS PAIS TRABALHAREM, MEU PAI ERA MUITO
 RUDÍ CONOSCO PRINCIPALMENTE COMIGO QUE ERA A
 MAIS VELHA. NÃO TERMINEI OS MEUS ESTUDOS
 POR QUE TIVE QUE CUIDAR DOS MEUS IRMÃOS.

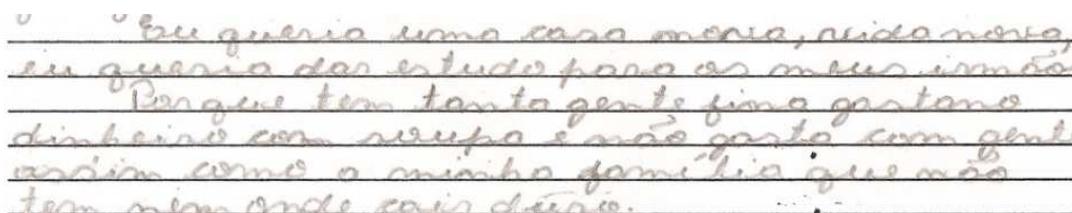
Meu nome é Edinéia tenho 56 anos.
 Minha infância foi muito sofrida, tinha vários irmãos não tive a
 sorte que muitas pessoas tiveram não tive uma boa alimentação
 Meus pais não puderam dar boa alimentação para os meus irmãos,
 eu quem cuidava deles para meus pais trabalharem, meu pai era
 muito rudí conosco principalmente comigo que era a mais velha
 não terminei os meus estudos
 Por que tive que cuidar dos meus irmãos

Nesse excerto, a autora inicia a sua história apresentando a personagem Edinéia, de 56 anos. O enunciado traz o interdiscurso da alimentação que já foi bastante enfatizado nos textos de Paloma (Solange) e Claudia (Augusto). A alimentação é um direito de todos previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos. A personagem Edinéia fala da infância sofrida, que além da falta de alimentação adequada, ela teve que abandonar os estudos para cuidar dos irmãos enquanto os pais trabalhavam. Situações que já vimos nos textos de Mariana (Lucas), Claudia (Augusto), Simone (Luiza), Luciana (Marta) e Pablo (um adolescente de 15 anos). O relacionamento com o pai não era bom, pois ela o

considerava rude, entretanto, não sabemos em que aspectos e se ele era violento tal como tem sido observado nos outros textos.

Outro ponto citado no enunciado de Fernanda (Edinéia) está relacionado à condição social em que ela vive: “Não tive a mesma sorte que muitas pessoas tiveram”. O uso do vocábulo “que” nos passa a ideia de que está sendo feita uma comparação de sua vida à de outras pessoas e, embora não esteja explícito, acreditamos que sejam pessoas de classe média. Vimos que esse mesmo discurso ocorre no enunciado apresentado por Cláudia.

Excerto 31e – Cláudia, (Augusto)



Eu queria uma casa nova, vida nova, eu queria das estudo para os meus irmãos. Porque tem tanta gente fina gastano dinheiro com roupa e não gasta com gente assim como a minha família que não tem nem onde cair duro.

Eu queria uma casa nova, vida nova, eu queria das estudo para os meus irmãos. Porque tem tanta gente fina gastano dinheiro com roupa e não gasta com gente assim como a minha família que não tem nem onde cair duro.

Nesse excerto, há o interdiscurso construído na ideologia das diferenças entre as classes sociais. O personagem começa exprimindo desejos de melhorias em sua vida, privilegiando tudo aquilo que para ele é mais importante: uma casa nova e estudos para os seus irmãos. A conjunção “porque” introduz um questionamento a respeito de sua condição social comparada a de pessoas com maior poder aquisitivo. O sujeito é colocado na posição ideológica da periferia, assume o lugar do menos favorecido, deixando transparecer a sua indignidade com as desigualdades sociais. Esse discurso é bastante presente nas classes mais baixas da sociedade.

Retornando à história escrita por Paloma, percebemos que Solange, tendo que viver uma situação imposta pelo pai, continuou a sua trajetória de sofrimento.

Excerto 32b – Paloma (Solange)

Sem ter pra onde ir nem um de meus irmãos me aceitaram, fui morar na casa de estranhos e sofri muito. Uma de minhas irmãs me aceitou em sua casa mais depois fui obrigada a casar aos 15 anos. Tive 6 filhos cresceram casaram e à quatro anos atrás dois deles quebraram a minha casa quase toda pararam de falar comigo.

Sem ter pra onde ir nem um de meus irmãos me aceitaram, fui morar na casa de estranhos e sofri muito. Uma de minhas irmãs me aceitou em sua casa mais depois fui obrigada a casar aos 15 anos.

Tive 6 filhos cresceram casaram e à quatro anos atrás dois deles quebraram a minha casa quase toda pararam de falar comigo.

O discurso presente nesse excerto é o de sentimento de rejeição por parte de seus filhos. Uma rejeição que o personagem diz sofrer desde a infância e juventude (pais e irmãos).

A seguir, veremos o texto de Renato. Ele narra a estória de Tarso, um rapaz de 17 anos, que sofre com a ausência dos pais que trabalham muito e não têm tempo para o filho. Dentro dessa temática, faremos uma conexão com o texto de Cátia (Excerto 34) que traz as suas experiências pessoais.

Excerto 33b - Renato, 14 anos

meu nome é Tarso. Tenho 17 anos e sou estudante e curso o 2º grau de ensino médio. As vezes penso em parar os estudos porque não tenho a atenção que eu gostaria ter dos meus pais sempre estão ocupados com o trabalho e muitas vezes acabam esquecendo de mim, minha mãe é médica e meu pai também sempre está fazendo plantão.

Meu nome é Tarso. Tenho 17 anos e sou estudante e curso o 2º grau do ensino médio.

As vezes penso em parar os estudos. Porque não tenho a atenção que eu deveria ter dos meus pais sempre estão ocupados com o trabalho e muitas vezes acabam esquecendo de mim, minha mãe é médica e meu pai também sempre estão fazendo plantão.

O enunciado retrata uma sociedade cada vez mais voltada para o trabalho. A relação família-trabalho gera conflitos dentro do ambiente familiar. A mulher, por exemplo, que antes vivia para cuidar do lar e dos filhos, agora também é provedora do seu próprio sustento e da família.

Renato (Tarso) constrói a história de uma família em que os pais trabalham – “minha mãe é médica e meu pai também sempre estão fazendo plantão” – e por esse motivo, Tarso resolve “parar os estudos” por não ter a atenção que necessita. Quando Tarso diz: “meus pais estão ocupados com o trabalho e muitas vezes acabam esquecendo de mim”, mostra que os laços afetivos da família são construídos como desestruturados, onde o trabalho sobrepõe-se ao convívio familiar.

Ivanic (1998) diz que as nossas experiências passadas, sejam os valores, as crenças, ou aquilo que é subjetivo a cada sujeito estão relacionados ao que transparece na escrita. Neste caso, a identidade construída por Tarso explicita carência afetiva em relação aos pais, como uma razão de sua baixa auto-estima.

O aluno Renato articula, em seu texto, um discurso conservador que coloca o adolescente Tarso na condição de vítima. O personagem atribui culpa aos pais pelas suas frustrações, pelos seus insucessos e fraquezas. Sob o ponto de vista do personagem, os pais são os responsáveis pelas suas ações negativas.

O texto de Cátia, a seguir, traz também a temática da ausência dos pais. Diferentemente de Tarso, Cleide adquire responsabilidade, para junto com suas irmãs cuidarem da casa e da irmã mais nova. No texto, a aluna constrói a sua identidade e a de sua família ao nos contar as suas experiências.

Excerto 34 – Cátia, 13 anos.

Eu me chamo Cleide. Tenho 13 anos. E moro com meus pais e minhas irmãs. O meu pai trabalha de 2ª a 6ª e a minha mãe faz curso às 3ª e 6ª e sábado e domingo ela trabalha. Quem fica em casa é eu e minhas irmãs. Eu tenho 4 irmãs, 1 de 4 anos, 1 de 16, 1 de 17 e a outra de 20. A minha irmã de 16 trabalha e estuda. Eu e minha irmã de 17 só estudamos. Já a minha irmã de 20 cuida um pouco mais da casa e da minha irmã de 4 anos. Meus pais passam pouquíssimo tempo com a gente. Eu e minhas irmãs contamos uma com a outra. Eu meus pais e minhas irmãs quase nunca saímos juntos, e a gente sente falta disso. De reunir a família toda para se divertir.

Eu me chamo Cleide. Tenho 13 anos. E moro com meus pais e minhas irmãs.

O meu pai trabalha de 2ª a 6ª e a minha mãe faz curso às 3ª e 6ª e sábado e domingo ela trabalha.

Quem fica em casa é eu e minhas irmãs.

Eu tenho 4 irmãs, 1 de 4 anos, 1 de 16, 1 de 17 e a outra de 20.

A minha irmã de 16 trabalha e estuda.

Eu e minha irmã de 17 só estudamos.

Já a minha irmã de 20 cuida um pouco mais da casa e da minha irmã de 4 anos.

Meus pais passam pouquíssimo tempo com a gente.

Eu e minhas irmãs contamos uma com a outra.

Eu meus pais e minhas irmãs quase nunca saímos juntos, e a gente sente falta disso. De reunir a família toda para se divertir.

Há uma interdiscursividade entre os textos de Cátia e Renato. As vozes sociais que aparecem no discurso da Cátia são as mesmas que aparecem no discurso de Renato (Tarso), entretanto, em contextos diferentes.

Logo no início do texto, Cátia escreve “O meu pai trabalha de 2ª a 6ª e a minha mãe faz curso às 3as e 6as e sábado e domingo ela trabalha”, numa tentativa de justificar a ausência dos pais. Tarso também atribui a causalidade de ausência dos pais em função do trabalho “sempre estão fazendo plantão”.

Renato (Tarso): “meus pais estão ocupados com o trabalho e muitas vezes acabam esquecendo de mim”.

Cátia (Cleide): “Meus pais passam pouquíssimo tempo com a gente. Eu e minhas irmãs contamos uma com a outra”

Os trechos destacados dos excertos trazem expressões como “muitas vezes” e “pouquíssimo tempo” que reforçam a falta que os pais fazem no âmbito familiar.

Renato criou uma estória pautada em situações reais, Cátia escreveu a própria história, mostrando-nos que as brechas entre o real e o inventado são mínimas. Em concordância com Ivanic (1998), consideramos que, quando alguém escreve, não está compondo apenas um texto, mas está inserindo na escrita um conjunto de suas práticas e o ato da escrita revela tais práticas. Contudo, o que fica enfatizado nesses últimos enunciados são a subjetividade dos autores e a ausência da união da família. Cleide diz: *“Eu meus pais e minhas irmãs quase nunca saímos juntos e a gente sente falta disso de reunir a família toda para se divertir”*. O excerto reflete os sentimentos e desejos da autora, que traz uma construção identitária de carência do convívio familiar.

Como consequência da falta de apoio familiar, Tarso busca nos novos “amigos”, que ele conhece na escola, o suporte que precisa para suprir a ausência dos pais e se envolve com drogas. Novamente, o aluno-escritor transfere para os pais a responsabilidade de não ter evitado o envolvimento de Tarso com as drogas.

Excerto 35c – Renato (Tarso).

Até que um certo dia conheci uns amigos novos no colégio que eram barra pesada. Eles não tinham consciência do que faziam só viviam aprontando.

Até que um dia eu me juntei a eles e comecei a fazer o que eles faziam, não ligando mais praos estudos, só queria curtir de melhor da vida.

E daí então comecei a beber a fumar e até mesmo usar drogas. Logo depois veio os problemas relacionados com as drogas, fui até se delirar e cada vez mais ficava piorando.

Até que um certo dia conheci uns amigos novos no colégio que eram barra pesada. Eles não tinham consciência do que faziam só viviam aprontando.

Até que um dia eu me juntei à eles e comecei a fazer o que eles faziam não ligava mais pros estudos só queria curtir de melhor da vida.

E daí então comecei a beber fumar e até mesmo usar drogas logo depois veio os problemas relacionados com as drogas, fui até ao delírio e cada vez mais ficava viciado.

O excerto traz uma narrativa que analisaremos a partir dos elementos que compõem a narrativa Laboviana.

“*Até que um certo dia conheci uns amigos novos no colégio que eram barra pesada*” o trecho do excerto indica a mudança de atitude do personagem. Ele emite uma avaliação negativa a respeito dos amigos, dizendo que eles são “barra pesada”. Essa avaliação introduz de certa forma o episódio seguinte da sua estória preparando o leitor para a mudança de seu perfil. Nesse mesmo trecho há a orientação da narrativa explicitando as pessoas envolvidas– “*(eu) conheci uns amigos novos*”

“*Até que um dia eu me juntei a eles e comecei a fazer o que eles faziam não ligava mais pros estudos, só queria curtir de melhor da vida.*” Nesse trecho surge uma ação complicadora. Tarso se envolve com o grupo que ele avaliou como ‘barra pesada’. A baixa auto-estima, as pressões e influências do meio social contribuem para o envolvimento com esses “amigos”. “Fazer o que eles faziam” é, de certa maneira, reafirmar a sua identidade de grupo. A representação de que a influência dos amigos usuários desencadeia o início do consumo torna-se marcante para a construção da identidade desse adolescente. Além da família e da escola, o grupo de amigos é também uma das formas primárias de socialização do adolescente e nele (no grupo) se constituem normas. Com isso, é preciso ter atenção para a vulnerabilidade dos jovens durante a adolescência quanto às influências externas tornando-se frequente quando os adultos, de maneira especial os pais, estão ausentes na família, como é o caso de Tarso.

“*E daí então comecei a beber a fumar e até mesmo usar drogas logo depois veio os problemas relacionados com as drogas, fui até o delírio e cada vez mais ficava viciado.*” Nesse trecho continua ação complicadora decorrente do envolvimento com os novos “amigos”.

Ele começa a ver nas drogas uma fuga dos problemas que ele não quer enfrentar. É o momento em que ele se afasta do relacionamento difícil com a família, das dificuldades nos estudos, dos problemas com os amigos. Quando ele diz “*fui até o delírio*”, nos mostra que as drogas ilícitas são vistas como uma solução que faz a pessoa se livrar dos problemas por algum tempo e por ser algo momentâneo, Tarso continuou se viciando para escapar das situações por que passava. A carência do apoio familiar o levou a aumentar o consumo, uma vez que ele fazia o uso desta como alternativa para lidar com o estresse gerado no ambiente em que vivia. A droga nesse momento passou a ser a possibilidade de resgate de aspectos de sua identidade. Propiciou-lhe a alteração da percepção de uma realidade que ele não mais suportava, sendo, portanto, uma questão de sobrevivência.

No texto escrito por Rachel, a personagem Andressa (excerto 27) conta que seu irmão envolveu-se com as drogas e, quando ele estava sob o efeito dos entorpecentes, acabava agredindo a todos inclusive sua mãe. A dependência de drogas ilícitas produz um discurso social presente nos últimos anos. A relação de dependência envolve o indivíduo, a droga e o contexto sociocultural. No caso de Tarso, percebemos que ele se sente muito fragilizado ante a realidade que vive. Não havendo um suporte familiar estruturado, ele acaba buscando nas drogas uma resposta para a solução de seus problemas.

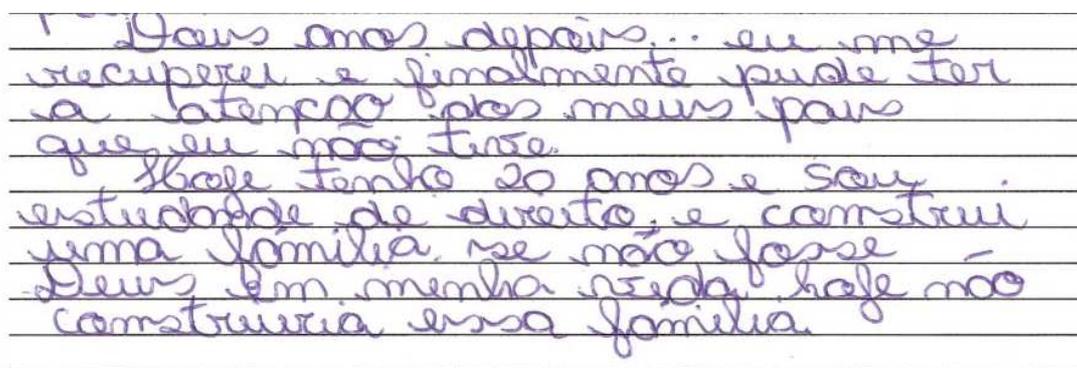
Excerto 36d – Renato (Tarso)

Dai meus pais descobriram com quem eu estava andando e que eu era um usuário de drogas e resolveram até em tão me internar num Centro de Reabilitação para usuários de drogas, no começo do tratamento tive muita raiva de meus pais.

Dai meus pais descobriram com quem eu estava andando e que eu era um usuário de drogas e resolveram até em tão me internar num Centro de Reabilitação para usuários de drogas no começo do tratamento tive muita raiva de meus pais.

Nesse excerto, há o início da solução dos problemas de Tarso e de sua família. A família nesse contexto é fundamental na reconstrução identitária do adolescente. É possível que membros da família de adolescentes que se envolvem com drogas tenham sentimentos de culpa e frustrações o que os leva a buscar soluções satisfatórias para todos, e dessa forma tentar recuperar valores perdidos. Os pais de Tarso podem ter desenvolvido esses sentimentos não somente pelo fato do filho ter se envolvido com as drogas, mas também por terem sido retribuídos pelo sentimento de raiva do filho, como se ele estivesse culpando os próprios pais pelo que estava acontecendo.

Excerto 37e – Renato (Tarso)



Dois anos depois... eu me recuperei e finalmente pude ter a atenção dos meus pais que eu não tive.

Hoje tenho 20 anos e sou estudante de direito, e construí uma família se não fosse Deus em minha vida hoje não construiria essa família.

O excerto inicia-se com a resolução - “Dois anos depois... eu me recuperei e finalmente pude ter a atenção de meus pais” evidencia a superação dos problemas pelos quais Tarso e seus pais vivenciaram (carência afetiva, viver em família, drogas, ódio).

O aluno ao utilizar a expressão “dois anos depois...” estabelece a transição entre o tempo em que ele começou a se envolver com as drogas (passado) e o tempo em que ele se recuperou (passado). Entretanto, a história construída pelo aluno começa no tempo presente (Meu nome é Tarso. Tenho 17 anos e sou estudante...). O aluno-escritor ao escrever “Até que um certo dia conheci uns amigos...” quebra a sequência temporal de sua estória (presente) e introduz a

narrativa que conta o seu envolvimento como fato passado. Há, portanto, a continuidade do ‘eu’ e uma descontinuidade temporal.

Linde (1993) aborda a questão da ‘reflexividade’ que é uma das propriedades do ‘eu’ e que propõe que o eu seja coeso entre muitos outros “eus” de forma que haja um processo de relação em torno da relação desses outros “eus” com ele. Nesse sentido, temos o Tarso

- a) aos 17 anos , estudante do ensino médio, “carente” - no início da estória (presente)
- b) revoltado, viciado” - no meio da estória (passado)
- c) recuperado das drogas e feliz com a família (passado)
- d) Aos 20 anos, estudante de Direito, realizado (presente)

Na linha teórica de Linde (idem), a reflexividade do ‘eu’ no processo narrativo ocorre porque evitamos falar do presente no presente. Na narrativa, o afastamento permite que o protagonista e narrador se distanciem para que, a partir dessa distância, possam se diferenciar, ao passo que o último reflete sobre o tipo de “eu” que está sendo construído naquele contexto. Portanto, a descontinuidade temporal acontece como fator de distanciamento para a reflexão dos vários “eus” que podem ser construídos na narrativa.

A coda “*Hoje tenho 20 anos e sou estudante de direito e construí uma família*” é introduzida conectando a narrativa de superação à situação atual. Por fim, o personagem Tarso faz uma avaliação atribuindo a Deus o resultado positivo de suas experiências e, conseqüentemente, as suas conquistas - “*se não fosse Deus em minha vida, eu não construiria essa família*”.

Dentro dessa perspectiva do discurso religioso, veremos, a seguir, como Deus e a religião são concebidos nos discursos e de que maneira estão relacionados à identidade social dos alunos.

5.1.2. Religião

A leitura e análise dos textos nos levaram a perceber que a religião é uma importante instituição social presente na construção de identidade do aluno. O discurso religioso surge nos enunciados dos alunos como reafirmação de suas conquistas, como superação das dificuldades de ordem social pelas quais passaram, tais como fome, agressões, doenças.

O discurso religioso dos alunos surge em seus textos como expressão da superação dos problemas, como forma de objetivo atingido e como propósito a ser alcançado à luz de suas histórias, experiências e aspirações.

O texto de Eliza nos mostra uma situação vivenciada por Paula que, segundo a autora, superou um câncer por ação divina, devido a sua fé em Deus.

Excerto 38a – Eliza, 36 anos

Bem, meu nome é Paula tinha 9 meses quando tudo aconteceu, apareceu uma enfermidade rara, só na time vários sintomas mas não tinha ainda diagnóstico passou por vários hospitais como Sales Neto Lúndcio e Berg sendo que foi descoberto no Lúndcio com leucemia mieloide de aguda M7 que é raríssima minha mãe chorou muito com a notícia porque era para mim morrer mas ela teve muita fé em Deus e passou por várias sessões de quimioterapia meus cabelos caíram fiquei neuropática e perdi muito peso mas minha mãe não desistiu de perseverar, orou muito Jesus e Deus foi trabalhando na minha saúde e até que um dia, fui curada.

Bem, meu nome é Paula tinha 9 meses quando tudo aconteceu, apareceu uma enfermidade raríssima tive vários sintomas mas não tinha ainda diagnosticado passei por vários hospitais como Sales Neto fundão e Uerj sendo que foi descoberto no fundão com Leucemia mieloide aguda M7 que é raríssima minha mãe sofreu muito com a notícia porque era para mim morrer mas ela teve muita fé em Deus e passei por várias sessões de quimioterapia meus cabelos caíram fiquei neutropênica perdi muito peso mas minha mãe não desistiu de persevera orou muito jejuou e Deus foi trabalhando na minha Saúde e ate que um dia fui curada

O texto de Eliza traz a estória da personagem Paula que tem quatorze anos e narra um fato que aconteceu quando ela tinha nove meses. Paula inicia sua estória explicando a complexidade de sua doença ao dizer que “*apareceu uma enfermidade raríssima tive vários sintomas mas não tinha ainda diagnosticado*”. Além disso, no enunciado é construída a trajetória de seu sofrimento e de sua mãe em busca de um diagnóstico real da doença: “*passei por vários hospitais (...)*”.

A notícia de que Paula tinha uma “Leucemia mielóide aguda M7”, “enfermidade raríssima”, fez com que sua mãe aderisse ao discurso religioso em busca da cura de sua filha.

O excerto “*era pra eu morrer mas ela teve muita fé em Deus*” evidencia que, na narrativa da aluna, há um sistema de coerência (Linde, 1993) vinculado ao senso comum religioso em que a fé implica em um valor fundamental na adesão pessoal ao sagrado .

No trecho “*passei por várias sessões de quimioterapia meus cabelos caíram fiquei neutropênica, perder peso **mas** ela não desistiu de persevera orou muito jejuou e Deus foi trabalhando na minha saúde até que um dia fui curada*” o processo de tratamento seria o que no discurso religioso é chamado de provação pelo qual todo cristão passa antes de alcançar a graça ou a cura a que se almeja. O uso da conjunção *mas* mostra que, diante das adversidades pelas quais passaram mãe e filha, a atitude de *perseverança* está entre um dos aspectos de construção de identidade da mãe. A religião remete ao sistema das mediações religiosas, sendo assim, a personagem atribui sua cura à ação de Deus mediada pela fé e pelos rituais religiosos (oração e jejum) executados por sua mãe.

Excerto 39b– Eliza (Paula)

os exames

cada vez que fazia resultado era bom pois todos zombava da minha mãe dizia que ela era maluca que ia curar-me na igreja mas ela profetizou para os médicos que Deus tinha poder para curá-la e tempo foi passando e Deus falou com a minha mãe que eu não iria voltar para o hospital mas de ficar internada e graça ao bom Deus hoje tenho 14 anos que se passaram a doença nunca mais voltou.

os exames cada vez que fazia resultado era bom pois todos zombava da minha mãe dizia que ela era maluca que ia curar-me na igreja mas ela profetizou para os médicos que Deus tinha poder para curá-la e tempo foi passando e Deus falou com a minha mãe que eu não iria voltar para o hospital mas de ficar internada e graça ao bom Deus hoje tenho 14 anos que se passaram a doença nunca mais voltou.

No excerto 39b, a personagem avalia o resultado dos exames como uma prova, um contra-discurso, visando escapar a um sistema de coerência estabelecido por uma determinada ordem científico-discursiva hegemônica que se impunha socialmente, uma vez que zombavam da crença de sua mãe e a chamavam de maluca pelo fato dela acreditar que o poder divino poderia curar sua filha.

Entre o profetizar a cura por via religiosa e atestar a sobrevivência de Paula via procedimentos médicos, o que prevalece no texto da aluna é o sistema de coerência da realização divina: “mas ela profetizou para os médicos que tinha poder para curá-la e o tempo foi passando e Deus falou com a minha mãe que eu não iria voltar para o hospital mas de ficar internada”. A escolha mantém a continuidade do discurso e conseqüentemente mantém a coerência do texto de acordo com a proposta da autora, que é focar a ideia de que a recuperação de Paula deve-se a Deus, que agiu por intermédio da fé e crença da mãe.

Edinéia também utiliza o discurso religioso não com o mesmo propósito de Paula, que atribuiu sua cura por meio da fé em Deus, mas como justificativa pela morte da mãe.

Excerto 40c – Fernanda (Edinéia).

MAS MINHA MÃE ELA MORREU COM CÂNCER NOS OSSOS DEUS PERMITIU QUE ELA PARTISSE

mas minha mãe ela morreu com câncer nos ossos Deus permitiu que ela partisse

O discurso é entendido como “chegou a hora”, “Deus assim quis”, “nada acontece na vida se não pela vontade de Deus”, expressões que permeiam o senso comum daqueles que acreditam que o mesmo Deus que permite a sobrevivência, permite também a morte. Essa visão ajuda o sujeito a se conformar com a perda. Nesse sentido, a religião busca produzir alívio ao sofrimento, na medida em que permite mudança na perspectiva subjetiva ou do doente ou daquele que o acompanha.

Em contraponto, temos o texto de Camila que recorre ao discurso religioso enunciando questionamentos de forma negativa a respeito dos desígnios divinos diante dos acontecimentos por que passara.

Excerto 41a– Camila, 16 anos

Meu nome é Soraya, tenho 16 anos, moro com meu pai, madrasta e meus três irmãos. Eu nasci em São Paulo mais com sete anos me mudei pro Rio de Janeiro. Minha mãe faleceu a 10 anos. Do que ela morreu? Câncer no cérebro, ela sabia sabia da doença meu pai e minha irmã mais velha também mais preferiram guardar segredo, não me contaram nada, não pude nem ao menos me despedir.

Meu nome é Soraya, tenho 16 anos, moro com meu pai, madrasta e meus três irmãos. Eu nasci em São Paulo mais com sete anos me mudei pro Rio de Janeiro.

Minha mãe faleceu a 10 anos. Do que ela morreu? Câncer no cérebro, ela sabia sabia da doença meu pai e minha irmã mais velha também mais preferiram guardar segredo, não me contaram nada, não pude nem ao menos me despedir.

Excerto 42b – Camila

no meu irmão? Meu irmão sumiu de 19 anos sumiu no mundo, simplesmente se foi sem deixar nenhuma explicação, sem me dar nenhum abraço! Por que será? Sinto uma dor enorme quando lembro de alguns momentos com ele.

Meu irmão Ronaldo de 19 anos sumiu no mundo, simplesmente se foi sem deixar nenhuma explicação, sem me dar nenhum abraço! Por que será? Sinto uma dor enorme quando lembro de alguns momentos com ele.

A narrativa construída por Camila traz vários questionamentos da personagem Soraya, 16 anos. Nos excertos 41a e 42b, a personagem sinaliza os fatos que geram as inquietações por conta do falecimento da mãe, devido a uma doença que ela não sabia que a mãe tinha, e o desaparecimento do irmão, que “sumiu no mundo (...) sem deixar nenhuma explicação”. Essas inquietações são reforçadas pela saudade dos entes e por não ter tido a oportunidade de se despedir deles.

Excerto 43c – Camila (Soraya)

Por que será que Deus faz isso comigo, será que é algum castigo? mas por que? Creio muito em Deus as vezes vou a igreja e isso me ajuda muito, mas não entendo porque continuo na mesma. São tantas perguntas mas não há nenhuma resposta. Será que algum dia serei feliz? Será que meu irmão vai voltar? Será que minha mãe sofreu muitos anos antes de morrer ou será que isso tudo é apenas um sonho? Se for não vejo a hora de acordar.

Por que será que Deus faz isso comigo, será que é algum castigo? mas por que?

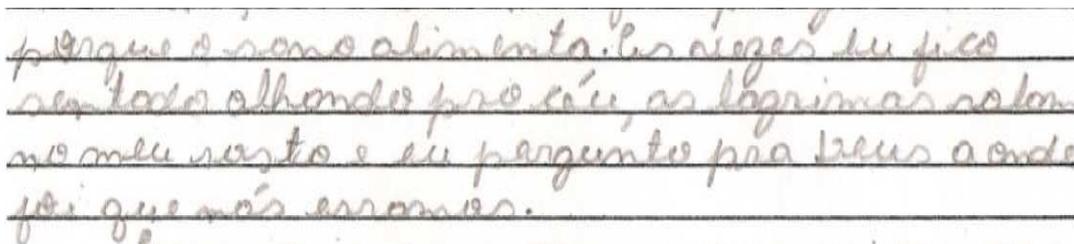
Creio muito em Deus as vezes vou a igreja e isso me ajuda muito, mas não entendo porque continuo na mesma. São tantas perguntas mas não há nenhuma resposta. Será que algum dia serei feliz? será que meu irmão vai voltar? Será que minha mãe sofreu muitos anos antes de morrer ou será que isso tudo é apenas um sonho? Se for não vejo a hora de acordar.

O excerto 43c inicia-se com uma pergunta da personagem em que atribui a Deus a permissão desses acontecimentos como se fossem castigos. Essa

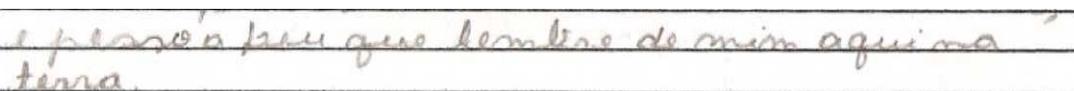
pressuposição se encaixa no que analisamos anteriormente (excerto 40c) que se inclui no conceito de senso comum, acerca da permissão de Deus sobre os acontecimentos. Nesse caso, (excerto 43c) atende à crença de que, se fazemos algo de errado, Deus castiga. Daí o questionamento da personagem que quer entender o motivo desses acontecimentos em sua vida, ou seja, o que ela fez para merecer tais castigos?

O trecho “*Creio muito em Deus às vezes vou à igreja e isso me ajuda muito, mas não entendo porque continuo na mesma. São tantas perguntas mas nenhuma resposta*” não atende ao princípio de coerência sinalizado por Linde (1993) como a ocorrência de uma causalidade inadequada. Se ela **crê em Deus, vai à igreja** e isso a **ajuda muito, não deveria continuar na mesma**. A igreja, mais especificamente a evangélica, é tida pelo senso comum como o lugar das “conversões”, no mínimo deveria ocorrer alguma mudança na sua maneira de pensar a respeito das circunstâncias pelas quais passou ou esteja passando. A impressão que a personagem causa no leitor é a de que não é feliz e não se sente completa, e encerra o seu texto com a metáfora do sonho, uma maneira de tentar fugir da própria realidade.

Excerto 44f – Claudia (Augusto)



(...)



porque o sono alimenta. As vezes eu fico sentado olhando pro céu, as lágrimas rolam no meu rosto e eu pergunto pra Deus aonde foi que nós erramos.

(...)

e peço a Deus que lembre de mim aqui na terra.

O enunciado de Claudia assemelha-se ao de Camila comprovando o senso

comum de que Deus castiga aquele que erra. No final, ela recupera o trecho do último segmento do TM: *Deus não olha pra gente aqui no sítio. (...) Será que ele ainda vai se lembrar de mim?*

Excerto 45e – Mariana (Lucas).

Já não

aguento mais essa vida que eu levo, peço a Deus todos os dias para que ele me dê sabedoria e força para superar os obstáculos que a vida me proporciona.

Já não aguento mais essa vida que eu levo, peço a Deus todos os dias para que ele me dê sabedoria e força para superar os obstáculos que a vida me proporciona.

O discurso construído nesse enunciado está focado no desejo do personagem superar as dificuldades pelas quais ele passa e por isso recorre a Deus todos os dias. Nesse excerto, e nos outros analisados, percebemos que as pessoas geralmente, buscam a Deus no momento dos obstáculos, do sofrimento, do desespero.

Veremos, agora, quais são os discursos presentes nas identidades desses alunos no que tange aos contextos locais onde vivem e que ideologias permeiam a construção de suas identidades sociais e discursivas.

5.1.3. Contextos locais

O excerto seguinte mostra a relação que a aluna autora estabelece com o lugar onde vive. O texto retrata a visão de sociedade que a aluna tem, tomando como base o seu bairro, chamado por ela de cidade.

Excerto 46b - Patrícia, 18 anos.

meu nome é Priscila. tenho 15 anos. Morro em Botafogo numa cidade cheia de qualidade e defeito. minha cidade tem lugares maravilhosos praças com brinquedos barracas de X-tudo, festas para as família se de vertir. Eu gosto muito de morra em Botafogo.

mas as vezes tenho vontade de sair daqui porque a violência é demais. minha família não pode nem sique sair para a praça onde tem brinquedos e tudo mais.

Meu nome é Priscila. tenho 15 anos. Morro em Botafogo numa cidade cheia de qualidade e defeito. Minha cidade tem lugares maravilhosos praças com brinquedos barracas de X-tudo, festas para as família se de vertir. Eu gosto muito de morra em Botafogo.

Mas as vezes tenho vontade de sair daqui porque a violência é demais. Minha família não pode nem sique sair para a praça onde tem brinquedos e tudo mais.

Patrícia apresenta a personagem Priscila, de 15 anos, e, logo na introdução do texto, sumariza o conteúdo de sua estória: “Morro numa cidade cheia de qualidade e defeito”. Nesse sentido, a autora avalia o que ela gosta e sobre o que ela não gosta no lugar onde mora.

A descrição desses referentes se faz através de acontecimentos vividos pela autora, os quais têm origem nos lugares onde circula, em sua experiência cotidiana, no seu estar no mundo.

Primeiramente, ela apresenta o que há de positivo em sua “cidade” avaliando que gosta do lugar. Entretanto, ao utilizar a conjunção “mas” ela introduz avaliação negativa do bairro que é a violência. A aluna aponta a violência como principal motivo de impedimento de diversão de sua família.

Excerto 47c – Patrícia (Priscila).

Por causa de troca de tiro de bandido e policiais. Uma vez morreu uma menina chamada Amanda de 8 anos foi sair pra brincar na praça de repente veio uma bala perdida e o a tigiú e a menina morreu na hora. Todo o mundo ficou revoltado sua família pedia justiça. Porque ninguém tem mais compaixão e nem segurança em nenhum lugar.

Por causa de troca de tiro de bandido e policiais. Uma vez morreu uma menina chamada Amanda de 8 anos foi sair pra brincar na praça de repente veio uma bala perdida e o a tigiú e a menina morreu na hora. Todo o mundo ficou revoltado sua família pedia justiça. Porque ninguém tem mais compaixão e nem segurança em nenhum lugar.

A autora faz referência ao contexto de onde enuncia. O que compõe essa referência é a existência da família, da cidade, da diversão, mas também o medo e a falta de segurança. No início desse excerto, a aluna resgata de sua memória discursiva um fato ocorrido em seu bairro e que tem sido muito recorrente em nossa sociedade: a troca de tiros entre bandidos e policiais. A aluna ao escrever: “Uma vez morreu uma menina chamada Amanda de 8 anos” introduz em seu enunciado uma pequena narrativa, sendo esse trecho um resumo do acontecimento narrado, com o prefácio de iniciação “Uma vez...”. A orientação da narrativa se dá no trecho em que ela conta que a menina “foi sair para brincar na praça”, que é o lugar de lazer do bairro. A ação complicadora da estória: “*derepenti veio uma bala perdida e o a tigiú*” o que desencadeia o resultado da situação: “*e a menina morreu na hora*”. Logo em seguida, vêm as conseqüências / os resultados e ela emite uma avaliação sobre o contexto narrado que não diz respeito apenas ao seu ponto de vista e sim expõe uma avaliação do grupo social em questão: “todo o mundo ficou revoltado sua família pedia justiça. Porque ninguém tem mais compaixão e nem segurança em nenhum lugar”. A enunciativa mostra que a violência urbana nos tempos atuais não ocorre apenas onde ela vive, mas em qualquer lugar. Com isso, a autora parte de uma situação micro (violência no bairro) para uma situação macro (nenhum lugar está livre da violência) demarcando a situação de uma sociedade rendida pela violência.

Excerto 48d – Patrícia (Priscila)

Quando eu vir essa cena eu fiquei muito triste e o mesmo tempo revoltada com tudo o que estava acontecendo eu era a vizinha dela se eu podi eu mudaria tudo que existe no mundo principalmente a violência as drogas o desrespeito com o proximo a falta de Amor com as pessoas que perdi um filho nesta violencia.

Quando eu vir essa cena eu fiquei muito triste e o mesmo tempo revoltada com tudo o que estava acontecendo eu era a vizinha dela se eu podi eu mudaria tudo que existe no mundo principalmente a violência as drogas o desrespeito com o próximo a falta de Amor com as pessoas que perdi um filho nesta violência.

Em “Quando eu vir essa cena eu fiquei muito triste o mesmo tempo revoltada com tudo o que estava acontecendo”, a autora produz sentidos acerca de sua própria subjetividade (triste, revoltada) diante do que ocorreu com a menina que era a sua vizinha. Nesse excerto, há a evidência do interdiscurso da mudança. Um desejo utópico de mudança social marcado pelo verbo “poder” (infere-se que ela escreveria “se eu pudesse” e pelo uso do verbo “mudar” no futuro do pretérito (“eu mudaria”). A enunciadora aponta pontos que norteiam esse desejo e se solidariza às pessoas que perderam alguém de sua família, de modo especial o filho, em meio à violência.

Lia, por exemplo, mostra que Bianca é uma adolescente insatisfeita com o lugar onde vive.

Excerto 49d - Lia (Bianca).

Ela não gosta da Baixada. ela imagina e se coloca no meio da situação que ela passa. Ela vive em um lugar muito esquecido pelo o governo.

Ela não gosta da Baixada. ela imagina e se coloca no meio da Situação que ela passa. Ela vive em um lugar muito esquecido pelo o governo.

A enunciadora considera “*muito esquecido pelo governo*” o lugar onde mora. Percebemos que o que sustenta esse enunciado é um saber discursivo do já-dito. O que a enunciadora estabelece no texto é uma relação entre sujeito e ideologia, de forma que, se não há melhorias no lugar é porque não houve investimento do governo em seu bairro, e se não houve investimento é porque é um lugar “esquecido”. Nesse sentido, a enunciadora marca-se ideologicamente como sujeito da periferia.

Os textos dos alunos elucidam muito mais aspectos negativos que positivos. Em contraponto, podemos dizer que as posições-sujeitos daqueles que tomam a palavra variam de acordo com o lugar social ou contextual em que estão inseridos ou passaram a estar. É o que podemos perceber no texto de Laura.

Excerto 50 – Laura, 18 anos.

Ola meu nome é Luana. Tenho 15 anos, no momento não estou trabalhando, há pouco tempo, me mudei para Itália, aqui moro com minha mãe e ela é um amor de pessoa, aqui ainda não me adaptei as mudanças de comportamento dos italianos, nem a linguagem deles, embora um pouco a língua, mas com o tempo aprenderei.

Quanto, eu moro no Espírito Santo com meu pai e meus 2 irmãos, meu pai é um homem muito trabalhador, aqui eu me sinto outra pessoa, eu sou muito feliz por aqui, aqui eu vou com minhas amigas pro clube funk, ir pro cinema e vários outros lugares, sem contar, dos meus animais de estimação que são uma gatinha como meu gatinho, minha cachorra, e meu peixe tico, mas, não o nome dele.

Olá meu nome é Luana. Tenho 15 anos, no momento não estou trabalhando, há pouco tempo, me mudei para Itália, aqui moro com minha mãe: ela é um amor de pessoa, aqui ainda não me adaptei as mudanças de comportamento dos Italianos, nem a linguagem deles, enrolo um pouco a língua, mas com o tempo aprenderei.

Antes eu morava no Espírito Santo com o meu pai e meus dois irmãos, meu pai é um homem muito trabalhador aqui eu me sentia outra pessoa, eu era muito feliz por aqui, aqui eu saía com minhas amigas pro baile funk, ia pro cinema e vários outros lugares, sem conta dos meus animais de estimação que era uma fofura como: meu gatinho manhoso, e meu peixe tico, esse era o nome dele.

Laura apresenta a personagem Luana, de 15 anos. A expressão “no momento” localiza o interlocutor no tempo presente. A personagem por duas vezes usa o advérbio “*aqui*” para falar do lugar onde está morando com a mãe. Luana relata as dificuldades de adaptação na Itália, mas demonstra força de vontade e desejo de conseguir superar as dificuldades. Entretanto, ao usar o advérbio “*antes*”, a personagem traz à tona as lembranças do lugar onde vivia, transportando o leitor ao seu passado. “*Antes eu morava no Espírito Santo com meu pai e meus dois irmãos, meu pai é um homem muito trabalhador*” A figura do pai é vista de maneira positiva, ao contrário dos textos anteriores em que o pai era omissos na educação dos filhos, vivia embriagado e era agressor. Portanto, foge ao senso comum do grupo. “*aqui eu me sentia feliz aqui, aqui eu saía com minhas amigas pro baile funk, ia pro cinema e vários outros lugares...*” O uso do advérbio “*aqui*” refere-se agora ao Espírito Santo quando deveria ser usado o advérbio “*lá*”, já que Laura encontra-se na Itália. Entretanto, o uso deve-se ao fato dela estar recordando sua trajetória no Espírito Santo. Nesse sentido, o sujeito se filia a uma rede de sentidos em que ele nega o exterior, o diferente, e resgata os momentos vividos no seu contexto social de origem. Mais uma vez, o texto de Laura foge ao senso comum do grupo estudado. O que nós vimos em outros textos foram sujeitos insatisfeitos com suas condições de sobrevivência em bairros marcados pela violência e pela pobreza.

Considerando que os alunos/autores apresentam discursos semelhantes no que concerne ao ambiente familiar, entendemos que a família assume uma posição fundamental na interdiscursividade. Constatamos que as histórias evidenciam o papel da família na estruturação das temáticas da narrativa (trabalho, religião,

contextos locais) levando-se em conta o posicionamento dos sujeitos, bem como suas interpretações e reinterpretações.

Vimos que nas narrativas sobre trabalho e família emergem situações que desencadeiam problemas de ordem sócio-emocional (trabalho infantil, miséria, alcoolismo, drogas, carência afetiva), enquanto que nas narrativas sobre a religiosidade trazem a superação dos problemas, mas também o senso comum de que Deus está no controle de todas as situações, sejam elas positivas ou negativas.